



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

José Mario de Souza Júnior

Do luto à docência: narrativas ficcionais

Florianópolis
2025

José Mario de Souza Júnior

Do luto à docência: narrativas ficcionais

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Ciências Biológicas do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientador(a): Prof., Dr. Leandro Belinaso

Florianópolis

2025

Souza Júnior, José Mario de

Do luto à docência : narrativas ficcionais / José Mario de Souza Júnior ; orientador, Leandro Belinaso, 2025.

52 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências
Biológicas, Graduação em Ciências Biológicas,
Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Ciências Biológicas. 2. Ensino de Biologia. 3.
Formação de Professores. 4. Narrativas Ficcionais. I.
Belinaso, Leandro. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Graduação em Ciências Biológicas. III. Título.

RESUMO

A formação acadêmica muitas vezes encontra desafios na conciliação com a vida pessoal dos estudantes. Este trabalho trata esses desafios por meio de narrativas ficcionais que contam a experiência do autor durante sua formação inicial. As narrativas ultrapassam os limites das salas de aula e abordam a vivência com o luto, o sentimento da falta de interesse, de agência e a resignificação de todo o processo que a docência trouxe ao autor. Inspirado por diversas obras culturais e especialmente nas pesquisas de Marcos Reigota, o trabalho propõe o ato de contar histórias como parte fundamental da formação de professores.

Palavras-chave: ensino de biologia; formação de professores; narrativas ficcionais.

ABSTRACT

Academic training often faces challenges in balancing it with students' personal lives. This work addresses these challenges through fictional narratives that recount the author's experience in academia. The narratives transcend the boundaries of the classroom and touch upon themes such as grief, feelings of disinterest and lack of agency, and the reinterpretation of the entire process that teaching brought to the author. Inspired by various cultural works and particularly by the research of Marcos Reigota, this work proposes storytelling as a fundamental part of the teacher's training.

Keywords: biology education, teacher training, fictional narratives.

SUMÁRIO

1.	A PESQUISA E AS NARRATIVAS FICCIONAIS.....	7
2.	CARTA AO PROFESSOR LEANDRO	9
3.	A ESCRITA.....	14
4.	NARRATIVAS FICCIONAIS	17
4.1	LUTO	17
4.2	AFRASIA.....	29
4.3	DOCÊNCIA	43
5.	ÚLTIMAS PALAVRAS	49

1. A PESQUISA E AS NARRATIVAS FICCIONAIS

Todo trabalho científico e acadêmico é feito por seres humanos, por pessoas, pelo menos enquanto as Inteligências Artificiais não nos substituírem. Essas pessoas são mais do que sobrenomes a serem citados, elas possuem histórias, vivências, experiências, emoções, memórias, afetos e desaíetos. Tudo isso acaba sendo diminuído ou até mesmo completamente suprimido quando lemos artigos científicos, monografias e livros frutos de milhares de horas que sujeitos dedicaram às suas pesquisas.

Assim como os pesquisadores, professores são muito mais do que a descrição de sua profissão, eles têm suas vivências e histórias. Dentro e fora das escolas e universidades, o trabalho dos professores é, entre outras coisas, compor o encontro do conhecimento sistematizado com os alunos.

Deste modo, estudando o livro “Ecologistas” de Marcos Reigota (1999), apreendi que narrativa ficcional é um conceito operado por esse pesquisador para contar de forma biográfica algumas de suas experiências, encontros e vivências. Essas narrativas podem ser acionadas também para criar histórias de outros sujeitos, no âmbito acadêmico e educacional, mas também em diferentes espaços sociais, explicitando a vida cotidiana no trabalho acadêmico e aproximando-a às demais vivências do leitor.

Sobre a escrita ficcional e o uso de narrativas como forma de expressão humana na arte e na ciência, Reigota (1999) escreve:

As diferenças e proximidades entre a narrativa e a ficção delimitam formas de expressão do ser humano, presentes nas conversas do cotidiano, cartas, reportagens, textos religiosos, literários, biográficos, autobiográficos e científicos, na dança, artes plásticas, música, cinema, teatro, etc. Toda expressão do ser humano é reflexo das suas representações sociais que exerce influência e é influenciado pelo contexto e época em que se vive. O que as diferencia, qualifica e identifica são as formas de expressão e o grau de elaboração, podendo situar-se entre a banalidade do senso comum e o anonimato do cotidiano, as obras de arte e da ciência que caracterizam e identificam uma época ou período histórico. (p. 81).

Já sobre a relação entre a narrativa e a ficção, escreve:

Em linhas gerais a narrativa tem sempre um componente verdadeiro, histórico, coletivo ou particular. A partir do momento em que ela passa a ser relatada, a ficção vai se tornando presente. Por mais próxima que seja da verdade dos fatos, cada pessoa conta a história de sua maneira, enfatizando ou eliminando elementos, deixando implícitas ou explícitas as suas representações sobre o fato concreto, suas consequências e desdobramentos. (Reigota, 1999, p. 84).

Outro conceito é o de pesquisa autobiográfica, que tem a memória como sua principal fonte, que pode ser auxiliada por diários, entrevistas, relatos; como me ajuda a pensar Abrahão (2003), tendo como parte integral do trabalho a subjetividade, ao narrar as histórias que perpassam a pesquisa.

É importante destacar que o trabalho com as narrativas ficcionais e com as autobiografias, em nenhum momento se coloca como uma descrição perfeita, exata, da realidade, muito pelo contrário, ele utiliza das experiências e memórias como combustível para contar histórias e “(...) compreender como pessoas vivenciam e percebem suas experiências”, como diz Fuiza et al (2023).

O presente trabalho de conclusão de curso, traz a construção de três narrativas ficcionais, são textos autobiográficos sobre minha experiência acadêmica, tanto como aluno, quanto como professor em formação no curso de licenciatura em Ciências Biológicas. Narrativas que se tornam uma forma de autorreflexão.

Os temas dos textos foram pré-definidos, tratam diretamente da minha experiência acadêmica e foram discutidos a partir de uma carta escrita por mim ao orientador e que pode ser lida na sequência desta introdução. Os temas são: o luto, a afasia e a docência.

As perguntas, os objetivos, do Trabalho de Conclusão de Curso são: como é possível conciliar vida pessoal e vida acadêmica? Como um processo formativo se mostra na superfície do texto quando é investigado por meio da criação de narrativas ficcionais? O que elas dão a ver sobre uma formação, ao mesmo tempo pessoal e coletiva, quando deixamos as palavras fluírem na página? O que uma narrativa nos diz de nós mesmos, do nosso tempo e espaço coletivo de vida, quando rasuramos as categorias prévias e os conceitos pré-definidos para experimentar a criação, livre, de algumas cenas da formação?

2. CARTA AO PROFESSOR LEANDRO

Florianópolis, 20 de março de 2025

Olá, professor Leandro,

Acabei pegando um resfriado essa semana, então se o texto ficar confuso, pode estar relacionado ao resfriado.

Minha trajetória no curso é um pouco mais conturbada do que achei que seria. Inicialmente, porque entrei na UFSC para cursar economia, mas logo percebi que não era o que eu queria e troquei para a Biologia (transferência interna). Comecei entusiasmado, mas logo no segundo semestre tive minha primeira decepção: reprovei na minha primeira disciplina.

Veja bem, sempre fui o aluno com as melhores notas da turma durante toda minha trajetória escolar e reprovar a primeira vez me fez eu questionar minha capacidade e inteligência. Mal sabia eu que muito mais estaria por vir.

Tirando a decepção inicial, até metade da minha formação tudo ia tranquilamente. Estava gostando da rotina, todas as disciplinas me eram interessantes, mesmo as que eu não tivesse tanta afinidade, eu ainda achava importante aprender. Fiz um estágio que não gostei tanto, a área (parasitologia) não me apetecia, mas todas as experiências, até as que a gente talvez não goste tanto, são bem-vindas nesse momento da formação e meu orientador desse estágio foi muito querido e atencioso.

No comezinho de 2018, no meu sexto semestre na biologia, eu começo a namorar. Porém, o que parecia um sonho, se torna um pesadelo. Meu namorado tinha um problema de saúde que foi piorando ao longo dos meses que passamos juntos e no dia 17 de junho de 2018 ele vai para São Paulo fazer uma cirurgia e nunca mais retorna.

A morte do meu namorado não foi a primeira morte de uma pessoa querida que eu acompanhei. No ano em que me mudei para Florianópolis, meu pai morre, um ano antes dele, meu avô e dois anos depois do meu pai, morre minha avó. Todas essas mortes mais ou menos nas mesmas épocas do ano, mas em anos diferentes. E cada uma parecia mais difícil de lidar do que a próxima.

Terminei o sexto semestre do jeito que consegui, ainda reprovei em duas disciplinas, mas em outras tive a ajuda de colegas e até de alguns professores que foram muito queridos e ofereceram alternativas para eu terminar o semestre quando contei o que havia acontecido.

Tudo o que eu lembro do próximo semestre é que tento afogar meu luto em estudos e início 2019 da mesma forma e começo um estágio na área que ainda é minha favorita da bio: Biotecnologia Vegetal. O laboratório era muito interessante, o trabalho feito lá também e acabo ficando encantado. Se não me engano é em 2019 que te conheço, na disciplina de Metodologia do Ensino de Ciências e Biologia.

Porém o luto ainda parecia conviver comigo, afinal, não me permiti por pelo menos um ano viver ele, então eu sempre estava com um sentimento de que algo estava errado, sem conseguir, na época, entender exatamente o que.

Na minha vida pessoal, acabei me isolando muito, perdendo o contato com todas as minhas amigas da faculdade, sem brigas nem nada, apenas fui sumindo e perdendo o contato mesmo. Em 2020, começa a pandemia, mas naquele momento, isolamento social já era norma para mim.

Durante a pandemia, acabei me afastando da universidade, estava questionando se era mesmo o que eu queria e a pandemia trouxe muitas ansiedades, sei que não apenas para mim. Por todos os problemas que o período teve, pelo menos pude refletir melhor sobre o luto e tive um bom tempo para passar com quem se tornaria mais tarde meu atual namorado, que chegou a me assustar, pois foi internado e entubado por causa da Covid, mas felizmente está bem hoje sem nenhuma sequela.

Em 2022 retorno para a universidade justamente para fazer o estágio supervisionado, que em 2022.2 você acaba nos acompanhando e, naquele ano, descubro algo que nem estava no meu radar até então: até que eu sou um bom professor.

Inicialmente, a licenciatura não era o meu foco. Como digo mais acima, entrei no curso por transferência interna e só havia vagas para o noturno, que é obrigatoriamente licenciatura. Sempre tratei a licenciatura seriamente, me dedicando totalmente as disciplinas relacionadas, que se mostraram muito interessantes. No entanto, é só no estágio que eu finalmente percebo que, quem diria, a área da educação é fascinante também.

Ainda assim, para que eu possa atuar em qualquer área, eu primeiro preciso terminar esse curso e em 2023 eu tento meu primeiro TCC. Eu conheci um laboratório no campus da agronomia superinteressante e da área da bio que contei ser minha favorita. É um laboratório de ponta, com tecnologia que eu nunca achei possível ter nessa universidade, coisas que, nas aulas em que elas eram citadas, me pareciam muito distantes. Quem diria, afinal, que a agronomia seria tão bem financiada, não é mesmo?

Eu converso com o diretor do lab e ele aceita que eu participe e faça um TCC com ele. Porém, lá eu me sinto muito sobrecarregado e perdido. Eram muitas coisas diferentes, parecia até que os alunos de mestrado e doutorado lá estavam num ritmo diferente de tudo que eu já tinha acompanhado na universidade. Ali eu começo, mais uma vez a questionar se era isso mesmo que eu queria, se eu estava preparado e até mesmo se tinha capacidade de seguir uma carreira acadêmica como eu sempre quis. Saio de lá sem escrever nada para o (projeto de) TCC e pedindo desculpas, como se minha presença lá tivesse sido um incômodo para os outros. Digo já que não foi e todas as pessoas do lab sempre foram muito queridas comigo, mas minha cabeça estava em outro lugar naquele momento.

Com todos esses questionamentos, tranco o curso em 2024. Guardo um pouco de dinheiro e decido iniciar a terapia, percebendo que estava à beira de ter uma crise (se é que já não tive). Na terapia, aprendo (e continuo aprendendo) a lidar com tudo que estava me acontecendo, percebo que minhas inseguranças vieram de expectativas que eu coloquei em mim mesmo e que está tudo bem se às vezes eu não consigo correspondê-las.

É na terapia também que eu aprendo que minha conexão com pessoas me ajuda muito a performar melhor nas tarefas postas e, é pensando nisso que entro em contato contigo para fazer o (projeto de) TCC.

Eu sei que quem trabalha no ensino acaba lidando com tantas pessoas que é difícil de acompanhar, mas vocês também acabam tocando na gente as vezes em pontos muito importantes. Ao longo da minha formação, tive vários professores incríveis, que me ensinaram muito, mas era sempre nas conversas que tive com você, nos toques que você me passou durante o estágio, que eu me lembrava nesses últimos dois anos que tive me questionando.

Talvez com tudo que estou dizendo, posso acabar passando uma ideia negativa desse meu tempo na UFSC e de fato nos anos anteriores era isso que eu

pensava. Porém se eu estou aqui agora tentando terminar o curso, estou fazendo isso justamente por ter sido lembrado dos bons momentos que vivi, das aulas incríveis que tive e das experiências despertadoras.

Quero sim terminar o curso e seguir carreira na Biologia e ficarei muito grato em ter o professor como meu orientador nessa trajetória.

Enquanto escrevia, acabei focando muito na minha formação mesmo, então faço esse próximo texto para falar um pouco de meus gostos culturais para contemplar o pedido do prof., mas que acaba ficando quase como um adendo mesmo.

Videogames

É, eu sei, essa mídia acaba sendo muito renegada dentro de conversas culturais e existem motivos para isso e eu os entendo muito bem. Afinal, desde sua concepção, videogames foram criados para ser um produto, um entretenimento barato, um passatempo. Mas seres humanos são seres humanos independente do que estão fazendo e os jogos rapidamente passaram a ser também usados para expressar todos os tipos de sentimentos e experiências possíveis.

Uma das coisas que gosto de trazer para defender videogames como uma forma de arte é ressaltar uma característica única que há que nenhuma outra mídia, acredito, consegue ter. Quando eu leio um livro, assisto a um filme, aprecio uma imagem ou fotografia e vou detalhar a experiência que tive com essas mídias, a descrição que vou dar é sempre em terceira pessoa: “o personagem no livro fez isso”, “a protagonista do filme fez aqui”, “a pintura expressava aquele sentimento”, “a fotografia retratava aquele momento na história”. Já quando descrevo minha experiência com um videogame é sempre em primeira pessoa: “eu peguei aquele item”, “eu derrotei aquele inimigo”, “eu tomei aquela decisão que mudou todo o rumo da história”.

Videogames já me fizeram chorar de tristeza, já me fizeram chorar de raiva, já me fizeram sentir alívio, frustração, superação, toda uma gama de sentimentos e experiências únicas e acho que fica claro que é meu tipo de atividade cultural e social (jogo com outras pessoas também afinal) favorita.

(deixando claro que quando falo de videogame não estou falando do que tem ficado famoso ultimamente: os jogos do tigrinho, apostas. Abomino esse tipo de jogo)

Literatura

Em literatura acabo lendo mais ficção científica e fantasia, deixando mais evidente meu apreço por criações culturais como uma forma de escapismo (haha).

Ultimamente estou acompanhando o Romance dos Três Reinos, uma história chinesa que me chamou muito a minha atenção, assim como toda a cultura chinesa que me é muito interessante também.

Teatro

Sempre achei interessante, mas ao mesmo tempo o teatro sempre me pareceu inacessível, um pouco porque algumas peças são caras e distantes, venho de uma cidade do interior de SP. E aqui em Floripa acho as divulgações tão ruins, às vezes descubro que estava rolando alguma peça gratuita meses depois da exibição dela acabar.

Mas destaco aqui o teatro, pois descobri recentemente um amor por musicais. Sweeney Todd, Wicked e Hamilton estão dentre meus favoritos, mas né, mais uma vez, inacessível, nunca assisti aos musicais mesmo, com exceção de Hamilton que tem disponível na Disney+, acabo ficando só com as músicas e/ou filmes. Tem também um musical conceitual novo que acompanhei terem criado sobre a Odisséia: Epic, The Musical. As músicas são bem legais.

3. A ESCRITA

A carta foi um pedido do orientador para podermos nos conhecer inicialmente e partimos dela para discutirmos os caminhos do TCC. Os temas das narrativas ficcionais surgiram da primeira leitura que foi feita desta carta. Marco novamente eles: luto, afasia, docência.

O luto emerge como temática em razão do modo como ele está presente na carta, não apenas quando relato a morte de pessoas muito queridas a mim, mas também quando conto de minhas expectativas sobre a minha formação.

A docência aparece como aquele motor que devolve o meu interesse no curso, meu contato com professores sempre me inspirando a persistir e meu contato com alunos me dando uma luz do que eu posso e quero fazer.

Já a afasia se materializa naquilo que eu não quero dizer, nos momentos na carta onde aparece algo que tenho para contar e não conto, nos meus gostos culturais que parecem tão importantes e são jogados de escanteio como um apêndice de um livro que ninguém lê.

É nesses buracos da afasia que a conversa sobre as narrativas ficcionais começa, para que eu possa aproveitar desse conceito e contar finalmente aquilo que me sinto acuado de contar. Passo portanto o resto do ano focado nisso, na escrita das narrativas.

(considerando se deixo ou não toda essa seção que segue) Os textos serão apresentados na ordem em que foram escritos. É possível também observar uma coesão na escrita dos textos: as narrativas são intercaladas com outros elementos ou histórias (e parênteses que explanam ideias do meu processo de escrita).

A narrativa do luto apresenta um olhar para o início do meu tempo na universidade e como esse momento foi marcado, intercalando com a história de uma aranha que me acompanhou por algumas semanas. A escrita da maior parte dela aconteceu em dois dias, em que eu escrevi sem parar quase que de forma visceral. Parei apenas para dormir e voltei assim que acordei, deixando os últimos parágrafos a serem compostos mais tarde. Retornar ao texto foi difícil devido a carga emocional, mas alguns meses depois finalizei-o.

O livro “Todo o tempo que existe” de Adriana Lisboa (2022) foi a maior inspiração para esse texto e para o marco da minha escrita de intercalar as

narrativas com outros elementos, pois na obra, a autora mescla poemas, contos e histórias de bananeiras com a relação do luto de seus pais.

A narrativa da afasia é um texto com fortes raízes na ficção científica e traz o dia a dia de um estudante com o qual eu não compartilho nenhuma vivência, no entanto sentimentos estão alinhados. A história é intercalada com verbetes que contam mais sobre o mundo vivido. A escrita dessa vez foi mais lenta, fui redigindo e reelaborando ao longo de semanas, normalmente após o almoço nas terças e quartas.

A criação dessa realidade distópica tem fortes influências de filmes como “Blade Runner” (1982), “Distrito 9” (2009); de livros como “Duna” de Frank Herbert (1990), “Estação Perdida” de China Miéville (2000); e jogos eletrônicos como “Fallout 4” (2015), “Cyberpunk 2077” (2020) e “Metaphor: ReFantazio” (2024). Todas essas obras têm mundos fictícios que extrapolam um futuro ultra-tecnológico ou em ruínas devido a eventos catastróficos.

E a narrativa da docência encerra a sequência de forma leve, contando a minha relação com a turma 6B do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina e como me senti preparando e realizando as aulas. O que acompanha essa história é minha intimidade com jogos eletrônicos e como eles me envolvem. Foi escrita em apenas uma tarde, logo depois de abrir o *videogame* comentado e a ideia se manifestar.

O principal jogo referenciado foi o “Hollow Knight: Silksong” (2025), no entanto, o relatado encaixa com minha experiência com outros como: “Dark Souls” (2011), “The Talos Principle” (2014), “Sekiro: Shadows Die Twice” (2019), “Elden Ring” (2021), “Lies of P” (2023). Todos eles são desafiadores à sua forma e que me deixaram vidrado querendo jogar sem parar instigado pelos seus impedimentos (estou na dúvida se todas essas inserções de referências encaixam no trabalho, qualquer coisa eu retiro). A chave que liga todos eles é o balanço entre frustração de enfrentar um obstáculo e demorar para ultrapassá-lo, com a extrema satisfação de superá-lo.

Sobre o ato de narrar, Débora Bennert (2016), escreve:

Mas, o meu narrar, não se faz em apenas recontar fatos e palavras que me foram contadas. Durante a minha narrativa referente às histórias desses alunos, incluo a minhas observações, minhas memórias, de uma pequena

experiência entre eles, vivências e convivências com o mundo ao qual eles se inserem. Não apenas recrio em palavras os caminhos traçados por esses alunos, mas também crio, de certa maneira, narrativas temperadas com minhas próprias interpretações dos fatos e relatos a mim dispostos (p. 13).

Em seu trabalho, Bennert conta narrativas ficcionais depois de acompanhar aulas e histórias de alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em Florianópolis. O meu trabalho é autobiográfico, no entanto minha escrita compartilha de suas peculiaridades quando crio através da minha vivência essas narrativas.

A atual monografia se propõe apenas como uma apresentação desse movimento da escrita e que, em nenhum momento, se propõe em fazer uma autoanálise desse processo. A lista de inspirações citadas acima para cada narrativa estará presente abaixo e serve como único indício do processo criativo como base do trabalho.

4. NARRATIVAS FICCIONAIS

4.1 LUTO

Eu tenho pavor de aranhas. Seus múltiplos olhos, seu corpo dividido em duas partes, suas patas alongadas com sete segmentos e seu caminhar coordenado, tudo em uma aranha me amedronta de uma forma que nada mais faz igual em mim. No entanto, aprendi a conviver pacificamente ao longo da minha vida, com as pequenas aranhas que nos rodeiam. Aquelas vermelho-alaranjadas com patas longuíssimas e o corpo tão minúsculo que parece uma bolotinha única (*colocar nome da espécie?*) e as cinza-esverdeadas de jardim que parecem estar sempre desconfiadas e com pressa (*nome da espécie*) são dois tipos de aranhas que eu aprendi até a ter algum tipo de carinho mesmo ainda tentando manter uma certa distância.

E foi assim que tudo começou, com uma aranha menor do que a tampa de uma garrafa pet de refrigerante, aparentemente inocente, que decidiu fazer do vão que existe entre o teto e a porta da minha casa a sua casa, tecendo uma teia que parecia muito maior do que ela precisaria.

O primeiro contato com a morte é marcante para todo mundo. Perceber que as pessoas que convivem com você, especialmente familiares, podem simplesmente parar de fazer parte da sua vida de forma irreversível é confuso e aterrorizante.

Meu primeiro contato com a morte foi com a minha avó, mãe do meu pai. Dona Nair morreu quando eu tinha seis anos. Seu velório foi na cidade em que meu pai nasceu e onde ela tinha enterrado seu segundo marido –que não era meu avô. Bem, se eu tiver que ser honesto, meu primeiro contato com a morte foi com a dele, mas eu era recém-nascido e obviamente não guardo nenhuma memória. Já a da minha avó eu lembro de algumas coisas.

Lembro de meu pai fazer uma piada no velório, ou no carro a caminho de casa, ou em casa, ou nos três lugares, sobre a morte dela. As palavras específicas ficaram no passado, mas era algo como “pelo menos ela não vai incomodar ninguém mais”. Ele era assim, levava a vida como se fosse uma piada, deixando todo mundo ao redor dele mais leve e alegre, porém negligenciando muitos aspectos de sua própria vida nesse processo.

O corpo da vó Nair em seu caixão, embrulhado em flores de plástico, exalava um cheiro muito diferente dos característicos tons de naftalina que ela e sua casa tinham. Mas eu não fiquei muito tempo perto do caixão, enquanto os adultos choravam na capela, meus primos e eu brincávamos no cemitério:

– Cuidado, se fizer um machucado aqui, nunca mais sara, hein! – ameaçava meu primo André, enquanto corríamos pelo pátio.

Alguns dias após o velório, minha tia-madrinha foi tirar os móveis da casa de minha avó e eu a acompanhei. Uma das gavetas da escrivaninha no quarto, estava cheia de estatuetas de santos e anjos. Ela disse que eu poderia ficar com qualquer um que eu quisesse. Escolhi um anjinho com cara de bebê, olhos azuis e cabelos loiros. Por mais que todos ali fossem iguais, apenas com poses diferentes, esse tinha um dos braços quebrado, que histórias teria ele para contar?

Os adultos da minha vida não me contaram plenamente o que aconteceu quando minha avó faleceu, alguns por acharem que uma criança como eu não seria capaz de compreender os fatos, outros porque só não queriam falar sobre isso... de novo. No entanto, com o pouco de informação que eu ia adquirindo ao ouvir escondido a céu aberto as conversas dos mais velhos, afinal eles sempre acham que as crianças não estão ouvindo, eu criei a minha própria versão dos eventos.

Na fatídica noite (*de sábado?*), dona Nair começa a sentir uma dor no peito que cresce gradualmente, alcança o telefone e liga para seu filho, meu pai, e sua nora, minha mãe, mas ninguém atende, eles não estavam em casa. Ela então começa a se direcionar para a porta, cambaleando, encontra o portão e já na rua começa a gritar por socorro. Sua vizinha, Marli, ouve, percebe o que estava acontecendo, chama seu namorado e os dois colocam minha avó no caminhão. Sim, era um caminhão, pois, assim como meu pai, o amado da Marli era caminhoneiro. No colo da vizinha, a dor no peito não diminuiu, uma tosse surgiu no lugar, com cada nova explosão, sangue jorrava de sua boca. É então que ela começa a sibilar algo e a mulher aproxima o rosto de sua boca:

– Diga ao meu netinho que... – e a vida escapa de seus olhos.

Eu ouvi a Marli descrever algumas vezes o horror do olhar frio de quem já se foi. Eu não vi os olhos da minha avó no caixão, eles estavam fechados.

Numa terça-feira, converso com uma amiga sobre tudo o que aconteceu. Ela me disse que minha avó tinha virado estrelinha. Dona Nair e eu tivemos nossa

primeira conversa profunda aquela noite enquanto olhava para o céu tentando adivinhar qual estrela era ela.

Ela não era muito querida pela sua própria família, tinha uma relação de amor e ódio com seus filhos que até hoje falam mal dela nas reuniões de família, entretanto sempre com um tom nostálgico. Meu pai dizia não ser diferente, comentava que não suportava ela, mas foi o único filho que sempre estava ao seu lado, para onde ela ia, ele ia junto, todas as cidades em que ela morou, ele morava também e perto de sua morte ela vivia a duas quadras de casa. Por essa proximidade, eu estava sempre a visitando, mas ela parecia distante, como se não quisesse estar ali. E apenas naquela noite, olhando para as estrelas, que eu pude finalmente me sentir próximo dela.

Poucos dias após o nosso primeiro encontro, a aranha triplicou o tamanho da sua teia e o seu próprio. Ela, com suas patas esticadas, tem o tamanho da tampa de um pote de vidro de azeitonas, pequena ainda para o quão grandes algumas aranhas podem ser, mas maior do que eu me sinto confortável de estar perto. Não quero matá-la, porém penso se deveria realocá-la. Será que ela vai crescer mais do que isso? Será que sua peçonha traz riscos à minha vida? Será que ela vai me matar enquanto durmo antes que eu possa fazer isso com ela?

Sua teia é uma obra-prima. Todos os fios interligados ... *(estou há meia-hora pensando em como descrever uma teia, não faço ideia de como fazer isso, não tenho uma foto dela, quero poder fazer isso, mas por enquanto, vai ficar assim).*

Por enquanto ela vai ficar ali, mas dormirei com um olho aberto pelos próximos dias, de surpresa ela não vai me pegar.

Meu pai, caminhoneiro, quase nunca estava em casa, minha mãe, costureira, trabalhava tanto em casa, que, mesmo tentando muito, tinha dificuldades em dar toda a atenção que eu exigia. Todavia, um casal de velhinhos aposentados e vivendo longe da sua própria família, tinham todo o tempo e carência do mundo para dar para uma criança solitária. Foi assim que um laço com meus novos avós se formou.

Vó Izaura era animada e uma excelente cozinheira e vô Porfírio era rabugento e trabalhava com algo que eu nunca entendi. Mesmo aposentados e nos seus 70-80 anos, ambos nunca pararam de trabalhar. Meu avô dava uma parte de seu dinheiro para sua esposa e ela me passava esse dinheiro de arara em arara. “Não conte para o seu avô, se não ele vai brigar comigo”. Não era pelo dinheiro que eu os visitava, mas você jamais veria um sorriso maior no meu rosto do que quando eu recebia uma onça do meu avô. “Não conte para sua avó, se não ela vai querer começar a dar também”.

Com o passar dos anos, os dois, antes implacáveis, não conseguiam trabalhar mais, seu Porfírio não saía mais com tanta frequência e dona Izaura precisava de ajuda para manter a casa limpa. O dinheiro começou a ficar escasso – será que eles não eram aposentados do jeito que eu acreditava? – e eles tiveram que se mudar. Uma, duas, na terceira mudança seu filho, que quase nunca os visitava, propôs que eles fossem morar perto dele, a mais de 100km de mim, ele pagaria o aluguel e todas as despesas deles. Meu avô, que não queria ter relação nenhuma com seu próprio filho, nega inicialmente, mas eventualmente cede. Outras alternativas seriam piores.

Passo a visitá-los esporadicamente, em alguns finais de semana, feriados, passo alguns dias durante as férias. Às vezes sozinho, às vezes com minha mãe, às vezes com minha tia que também construiu uma boa relação com eles, pois também foi vizinha numa das casas em que moraram.

Um certo dia, quando ainda estava no ensino médio, chego da escola e minha mãe está no telefone. Era minha tia contando que vô Porfírio havia morrido três dias atrás. Três dias atrás. Raiva, ódio, era tudo o que eu sentia. Como ele podia não avisar uma das pessoas mais importantes da vida de meu avô que ele morreu? Como ele podia não me avisar que uma das pessoas mais importantes da minha vida morreu? Quem ele pensa que é para nos tratar assim tão mal?

Sim, ele era filho do seu Porfírio, tinha a relação sanguínea que eu nunca tive, mas eu merecia vê-lo uma última vez e essa oportunidade foi tirada de mim.

Pelo menos eu não posso dizer que não me despedi dele. As últimas visitas que fiz, ele falava como se soubesse que seu dia estava próximo, como acontece com muitas pessoas da sua idade, já com mais de 90 anos. E assim, nos despedimos diversas vezes.

A teia da aranha foi arreventada e essa nem foi a primeira vez que isso aconteceu. Não sei se foi algum pássaro que tentou predá-la, o vento, ou algum inseto grande e forte demais para sua teia. Tudo que sei é que vi ela passando noites e manhãs inteiras tendo de arrumar seu lar. Dia sim, dia não, ela está lá, produzindo fios e mais fios de seda e organizando eles para colocar tudo no lugar só para que um ou dois dias depois, tudo seja arreventado novamente. Mas ela não desiste e sempre reforma o que foi quebrado.

Percebi que ela fez um casulo no teto acima da teia onde fica protegida, talvez a ideia do predador ou do vento não sejam malucas, de alguma coisa ela precisa se proteger. Acho que ela tem preocupações demais no momento para ligar para mim, posso voltar a dormir tranquilamente.

Finalmente aconteceu o que eu almejava durante minha adolescência inteira, sou um adulto. Entrei para a universidade, mudei-me para a cidade grande, perdi a virgindade, agora vai, agora tudo vai dar certo, tudo vai ser do jeito que quero.

O dinheiro era pouco, mas conseguia me virar e ainda de quebra, viajei algumas vezes de avião, quando a passagem ainda era barata. Por causa disso, consegui visitar minha família algumas vezes naquele primeiro semestre mesmo estando a 1000km dela. Minha família em Itápolis, interior de São Paulo e eu em Florianópolis, Santa Catarina.

Meu pai, agora separado da minha mãe há alguns anos, morava em Nova Europa, a 80km (?) da cidade dela. Ele não cuidava da sua saúde e tinha diabetes tipo 2, estava sem um pedaço da perna e praticamente cego. Afinal, alguém que não levava a sério a morte da própria mãe, vai levar a sério sua saúde? Ele também não levou a sério muitas coisas na sua vida. Teve quatro filhos com três mulheres diferentes e não cuidou da maioria deles. Também não levou a sério o relacionamento com essas mulheres, abandonou uma, *(tenho que perguntar o que aconteceu com a mãe da minha irmã, me dei conta disso agora)*, e traiu outra - talvez tenha traído as três. Teve o relacionamento com mais uma mulher pelo menos que também não acabou bem. Mas comigo foi um pouco diferente.

Devido a profissão, caminhoneiro, ele estava pouco presente em casa, passava semanas, às vezes meses viajando e uma ou duas semanas em casa. No entanto, não posso dizer que era ausente, pois quando estava em casa, estava em casa. Passava o tempo todo comigo, brincava, conversava, assistia televisão, visitava amigos, viajava para visitar a família em outras cidades, fazia tudo isso comigo do lado.

Minha mãe não acredita em coincidências. Diz que algo acontece porque deveria acontecer, já estava escrito, ou algo do tipo. Eu não acredito nisso. Mas às vezes me pego pensando em quantas pessoas meu pai teve que machucar, para poder ser um bom pai para mim. Isso também já estava escrito? Quantas vezes uma pessoa precisa cometer o mesmo erro até acertar? Ele errou com três filhos para que finalmente pudesse acertar com seu quarto, eu. Eu sei que minha mãe tem um dedo nisso tudo, mas será que eu mereço?

No meu primeiro semestre de Economia na UFSC, quando eu tinha 18 anos, eu teria minha memória mais marcante com meu pai. Numa das viagens que fiz para visitar minha mãe em algum feriado no meio do semestre, meu pai me liga:

– Chegou bem da viagem?

– Sim, pai.

– Vou visitar sua tia, tenho que falar com ela sobre algo, mas acho que vou passar aí pra te ver, vai fazer alguma coisa hoje?

– Não, não, pode vir.

– Tá bom, tô indo, então.

Passamos a tarde inteira juntos conversando, dando uma volta pela cidade de carro e tomando sorvete. Nesse ponto ele já estava praticamente cego, vendo apenas vultos, como dizia, devido a diabetes não tratada. Ainda assim, eu não confiava em ninguém nesse planeta na direção como eu confiava nele. Ainda não confio.

No final da tarde, ele me leva pra casa, diz que precisa ir embora antes de anoitecer se não fica difícil para andar na estrada nas condições em que estava. Dirigir na cidade até dá, na estrada não. Nesse momento pergunto se ele não ia visitar a tia ainda.

– Não, não, nem era tão importante, falo com ela outro dia.

Meus olhos enchem de lágrimas (*naquele dia e agora também*). Teria ele inventado a história da tia apenas como um pretexto para me ver? Veja bem, meu

pai nunca foi um poço de masculinidade e nunca me pareceu preocupado em ser. Porém ele não gostava ainda assim de ser visto como uma pessoa emotiva, ele gostava de ser visto como um palhaço, alguém que levava alegria e leveza à vida dos outros, sempre fazendo piada e nunca levando nada a sério. E assim como um “homem”, palhaços não choram, a não ser que o choro sirva à piada.

Despeço-me dele com um beijo no rosto, como sempre, e ando em direção da porta de casa. O carro passa, ele buzina, abano a mão e assim que não consigo vê-lo mais, as lágrimas caem. Eu não sabia que aquela seria uma das últimas vezes que o veria (*se colocar que foi a última seria mais impactante, mas não seria verdade*), mas não seria a última vez que derrubaria lágrimas por ele.

Nos meses seguintes, converso com ele esporadicamente, semana sim, semana não. Não conversávamos sobre muita coisa, mas conversávamos. Até que no final daquele semestre, recebo uma ligação de minha irmã:

– Ju, o pai tá internado. Ele está bem mal, acho que dessa ele não passa.

Um frio toma conta da minha barriga, será que é agora? É agora que acontece o que todos estávamos esperando? A verdade é que sua morte já estava anunciada há alguns anos. Meus irmãos decidiram brigar com ele para se cuidar melhor, minhas tias pediam para parar de comer doces, minha mãe, mesmo depois de anos separada e ainda com o coração quebrado pela traição, implorava para parar de negligenciar sua saúde. Já eu, aceitei que isso estava fadado a acontecer e só aproveitei o resto de tempo que teria com ele.

Três dias depois meu irmão liga:

– Juninho. O pai morreu, tá? – direto ao ponto.

Ok. Tudo bem. Finalmente aconteceu o que todo mundo sabia que ia acontecer eventualmente. Próxima parte, por favor.

A aranha cresceu um pouco mais. Na verdade, seu abdômen está bem inchado, é o normal para essa espécie? (*Comentar sobre a espécie da aranha talvez*)

Enquanto preparava meu almoço, percebo um inseto voando perto da porta, seus movimentos em zig-zag chamam minha atenção. O inseto está tentando entrar e não está conseguindo? A porta está escancarada, não faz sentido ele ter alguma dificuldade para entrar. Aproximo-me. Era uma vespa. Olho para cima e a aranha

estava toda arqueada, com as patas dianteiras bem esticadas, não era uma pose de bote, de quem está querendo preda uma presa, é uma pose de alguém que está com medo, querendo se mostrar maior, amedrontadora e amedrontada, apavorada em ser a presa, mas por alguém que está acostumada a ser o predador. A vespa aponta seu abdômen em direção a aranha e prepara o bote.

Eu interfiro. Levo minha mão até ela como se fosse dar um tapa. “Sai pra lá” e ela voa para longe. A aranha sai da pose que estava e volta para uma pose mais tranquila, se limpando. O perigo deve estar longe agora. Acho que salvei ela.

Após a morte de seu marido, minha avó Izaura saiu do apartamento que seu filho alugava e foi morar com ele. Para visitá-la, precisávamos combinar com ele com antecedência. No entanto nunca encontramos empecilhos e sempre conseguimos vê-la quando queríamos. Minha raiva pelo homem se tornou apenas uma leve desconfiança, ela parecia estar sendo bem cuidada.

Após a morte do meu pai, tentei focar nos estudos. Entretanto, logo no começo do segundo semestre, o curso de Economia não me parecia mais tão interessante. As aulas eram desnecessariamente complexas e eu estava sem vontade de desvendar a complexidade da vida financeira do mundo. Comecei a questionar se era aquilo mesmo o que queria. Não era. Depois de muita consideração, Biologia se mostrou a área em que queria atuar, era a matéria da escola que mais me fazia falta, levando-me a passar horas e horas do meu tempo livre acompanhando conteúdo nas redes sociais, livros e documentários sobre a área.

No fim do ano tive a oportunidade de trocar de curso e assim o fiz.

Minha avó e eu, continuamos nossas vidas respectivamente, eu num novo curso e ela...

– Num asilo!? – indago minha mãe com um tom de indignação e surpresa.

Eu desligo o telefone completamente irado. O filho de minha avó internou-a num asilo da minha cidade e pediu para minha mãe cuidar dela. Como pode alguém abandonar a própria mãe de tal forma? Minha raiva por ele voltou com tudo.

Nas visitas que fiz para o lar de idosos, ela estava cada vez mais debilitada, vó Izaura sempre foi gorda e tinha orgulho disso. Estava sempre insistindo para que eu e todo mundo ao seu redor comessem mais e ficassem gordos também (*ela deve*

estar bem orgulhosa de mim agora, mas sempre há espaço para melhorar). Mas a cada visita que fazia, mais magra ela ficava. Perguntava muito sobre o filho que pouco via. Estava sempre ocupado com o trabalho ou viajando para os EUA. Mesmo estando rodeada por várias pessoas na sua mesma situação e cuidadores para ajudá-la, dona Izaura estava triste e sozinha.

Recebo mais uma ligação de minha mãe. Dessa vez, era para anunciar a morte de minha avó.

Quando vó Nair morre, eu aceito sua morte como parte da vida nesse meu primeiro contato, não choro, pois talvez era novo demais para entender as repercussões disso. Quando vô Porfírio morre, a raiva me consome e nenhuma lágrima cai de meu rosto. Quando meu pai morre, não tenho tempo para chorar, preciso terminar o semestre, provas, trabalhos para entregar, não posso pensar nisso agora. Quando vó Izaura morre, já não sei mais o que sentir e apenas choro. Choro por ela, choro pelo seu marido, pelo meu pai, por todos que já se foram e por nós que ficamos. Por que ficamos? Por que eles se vão?

(Penso em acrescentar mais um parágrafo para expor ainda mais minha confusão nesse momento, mas não cheguei num formato que ficaria bom...)

Ovos! A aranha botou ovos! Eram ovos que inchavam o abdômen dela e agora que já os pôs, diminuiu metade de seu tamanho. Observo ela proteger os ovos em um casulo parecido com o dela e me questiono se conseguirei conviver tão bem com seus filhos quanto convivo com ela. Ah, isso fica para o futuro.

Ao passar dos dias, percebo que ela não se move. A maior parte de sua teia já se desfez e não há nenhuma reação da parte dela, ela está apenas parada na frente dos ovos. Dias de ventos muito fortes passaram e ela não foi para seu casulo, continuou ali, parada na frente dos ovos. Ouvi dizer que em algumas espécies de aranha, a mãe se oferece como comida para suas crias quando elas eclodem dos ovos (*talvez caiba uma referência aqui*). Não quero esse fim para ela.

Dizem que o primeiro amor é inesquecível (*cabe uma referência aqui*). Comigo não foi diferente.

Aplicativos de relacionamento se tornaram meus melhores amigos na “cidade grande”. Conheci muitas pessoas com eles e marquei alguns encontros, porém nenhum relacionamento surgiu dali. Não estava em busca de namoro, mas também não estava resistente a isso. Se acontecesse, aconteceu.

Depois de alguns encontros ruins, começo a conversar com um cara que diz morar perto de casa. Como ele costumava caminhar pela manhã e eu estava tendo algumas aulas de manhã naquele semestre, combinamos de nos ver no caminho da minha aula. A conversa acontece alguns meses após a morte da minha avó, logo em que o semestre começou.

Pessoalmente ele era tão bonito quanto nas fotos: alto, loiro, olhos claros, 10 anos mais velho que eu, um galego de respeito, como gostam de dizer aqui no sul do país, e ainda com cidadania Suíça, como fiquei sabendo mais tarde. Nós nos demos bem logo de cara e marcamos um encontro mais propício.

No dia do encontro, ele veio em casa e conversamos. Ele tinha uma história triste, percorrida por abusos físicos que seu pai cometeu com ele e negligência por parte de sua mãe. Numa dessas situações de abuso, o espancamento foi tão forte que ele perdeu um rim. Por ser de uma família com boas condições, ele foge do Brasil com ajuda de sua avó e vai tentar a vida na Suíça, onde tinha família.

Lá ele consegue se formar, arranjar um bom trabalho numa grande empresa e até mesmo se casar. Num trágico acidente de bicicleta, seu marido morre e ele volta para o Brasil por um cargo que a empresa oferece aqui. Ele morou em Belo Horizonte por alguns anos, mas se muda para Florianópolis a pedido da empresa.

Comovido por sua história, abraço ele e assim ficamos durante todo o resto do encontro, em silêncio, apenas abraçados.

Ao longo das próximas semanas estávamos juntos sempre que conseguíamos, conversando, nos conhecendo e aproveitando os momentos juntos. O trabalho dele exigia que viajasse muito pelo estado de Santa Catarina e ele sempre chegava exausto das viagens, mas ainda assim aproveitávamos bem o tempo juntos. Ele cozinhava para nós e reclamava do trabalho, eu reclamava das minhas aulas e o ensinava a jogar videogame.

Em algum momento decidimos que estávamos namorando e, a partir dali, comecei a fantasiar sobre o que seria um futuro com ele. Ele estava insatisfeito aqui, falava muito de BH e de como era sua vida lá. Pesquisei sobre meu curso na UFMG, se o vestibular era difícil e se eu conseguiria uma transferência. Pensava sobre

como seria se morássemos juntos e ele viajasse menos. Eu fantasiava, fantasiava e fantasiava.

Enquanto estava em Chapecó, meu namorado me manda uma mensagem dizendo que sua urina estava com sangue. Assusto-me com a notícia e ele diz que quando chegar em casa, vai procurar um médico. No médico, descobre que um tumor havia crescido no lugar de seu rim. Tumor benigno disseram. Foi marcada uma cirurgia em São Paulo, nos despedimos e para lá ele foi. Uma amiga dele estava esperando-o no aeroporto.

Meu telefone toca:

– Desculpe-me, mas o Luís morreu.

Eu nunca encontrei essa amiga dele, mas a sua voz ficará marcada na minha memória para sempre.

Meu mundo desabou. Tudo aconteceu tão rápido que eu não sabia mais o que fazer. Já havia chorado tanto pela minha avó e todos que se foram antes dela que agora eu não tinha mais lágrimas para chorar. Também não conseguia pensar em estudar, mais uma vez me via no fim do semestre e em luto, mas dessa vez, não conseguiria focar em estudar. Contei com a ajuda de colegas incríveis que não me abandonaram e professores compreensíveis que me deram alternativas para terminar o semestre.

À minha frente eu via apenas um poço. Lá no fundo, todas as pessoas que partiram da minha vida e a vontade de apenas me jogar.

Escrevo agora três meses depois da última parte. Mais uma vez me vejo num momento de despedida.

Quando seus ovos eclodiram mês passado, fiquei extasiado e por um momento achei que eles eram inférteis ou só não vingaram mesmo, pois demoraram muito para romper a casca, dois meses. Observamos juntos seus filhos lentamente saindo do ninho até não sobrar nenhum, momentos preciosos.

Queria poder dizer que meu medo de aranhas se foi com você, porém ele ainda continua aqui. No entanto está mais fácil conviver com isso. A vida é cheia de coisas que não se vão, mas se tornam suportáveis. Memórias que um dia nos

fizeram chorar e mais tarde nos fazem sorrir. Constâncias que mudam e mudanças que viram constantes.

Você foi uma constância para mim e agora não é mais. Observei quase todo o seu ciclo de vida e, talvez por isso, hoje não fico triste. Tenho saudades e continuarei com minha rotina de olhar para sua teia todas as manhãs até ela também um dia me deixar.

Minha vida continua e você é parte integral dela. Muito obrigado pelos nossos momentos, minha querida amiga.

4.2 AFRASIA

Prédios altos, a não existência de casas, quatro ou cinco pessoas abarrotadas em pequenos espaços onde talvez coubessem duas. Uma família por andar. Mais de vinte apartamentos por piso. Alguns conseguem comprar o lugar em que moram, mas “nunca esqueça de pagar a taxa de moradia, ou não poderemos garantir sua segurança”.

[REDACTED]

[REDACTED]

Quatro horas da manhã acordado. Ele foi dormir cedo ontem por ter uma dor de cabeça, possivelmente porque ficou deitado o dia todo. Estar em pé cedo assim era algo que gostava, o dia parecia ser mais longo, no entanto, dias longos não eram mais desejáveis ultimamente. O livro que precisava ser lido para a aula mais tarde o encarava. Dava para aproveitar a calmaria da madrugada para ler, porém sua mão escorrega para o controle da televisão e a liga. Aquele aparelho era antigo, emprestado por um tio, que só a veria de novo quando quebrasse, mas fazia o que ele queria, ajudar na sua procrastinação.

“Procrastinar”, palavra estranha, difícil de falar até mesmo para si próprio em pensamento e descreve bem sua atividade odiada favorita. Soava tão forte na sua mente que às vezes parecia um apelido ou título: o Procrastinador.

Dez da manhã ele sai do quarto para finalmente tomar café da manhã.

— Bom dia! Acordou tarde hoje. Ah, se quando eu tive a sua idade eu pudesse dormir tanto assim... Seu avô era muito rígido, não deixava. — Mãe Isa diz enquanto se aproxima e beija sua testa.

O frio olhar da sua irmã vinha da sala. Eles não conversavam há algum tempo, ela sempre demonstrou animosidade em relação a ele, mas recentemente parece pior, como se a qualquer momento a lâmina de uma faca pudesse estar encostada em seu pescoço e o cabo nas mãos da sua irmã. “Será que ela sabe?”, pensava.

— Ansioso para a volta às aulas? Logo logo você se forma e teremos um médico na família! — o tom de animação na voz de Isabel era palpável.

Mãe Isa achava que naquele mesmo ano ele estaria se formando. Já P [REDACTED] não fazia a menor ideia de como contar que isso não aconteceria. No seu primeiro ano de faculdade ele reprovou numa disciplina. Inicialmente, pensou não ser um problema tão grande, era só pegar algumas aulas à mais no próximo semestre e se recuperaria. E logo veio a segunda reprovação. E a terceira, a quarta e, eventualmente, nem contava mais. Houve um semestre em que ele passava o dia todo na universidade, encheu seu cronograma de manhã até a noite, aquele seria o semestre em que colocaria tudo em dia. Mas as reprovações não pararam e no que seria seu “último ano de estudo”, na verdade não cobria nem metade da sua formação.

A imagem do olhar de decepção que suas duas mães sentiriam quando ele contasse a verdade morava na sua mente. O amor que elas sentem por ele é inegável, seus irmãos dizem que é claro que ele é o favorito e é difícil negar.

São seis pessoas na família. As mães, Isabel e Alžbeta, seus dois irmãos gêmeos, sua irmã e ele. Moram num apartamento com uma suíte, dois quartos de mesmo tamanho, um banheiro, além do da suíte, e sala e cozinha conjugadas. As mães dormem na suíte, seus três irmãos num quarto e ele, sozinho, em outro.

P [REDACTED] é o caçula dos irmãos, nove anos o separam de sua irmã, a mais nova antes dele. Seu quarto era dela, mas dada as condições únicas de seu nascimento, todo o aparato médico necessário não permitia espaço para duas pessoas no cômodo e, mesmo quando os cuidados médicos deixaram de ser necessários, suas mães não reverteram o quarto para sua irmã. “Nunca se sabe o que vai acontecer, talvez ele precise de todo o equipamento de novo”, elas justificavam.

Superpopulação foi uma realidade em algum momento. 20 bilhões de pessoas no mundo o último senso tinha registrado. Havia uma preocupação com escassez de recursos, mas a humanidade foi se ajustando e aprendendo como lidar melhor com os bens naturais, novas formas de moradia foram criadas, a agricultura se aperfeiçoou ficando mais eficaz e menos nociva ao ambiente e a medicina avançadíssima permitia uma longevidade livre de doenças e complicações nunca antes vista em toda a história. O planeta viveu décadas de

atrocidades sendo cometidas, questões em relação a eticidade dos estudos e debates sobre os riscos da pesquisa, afastavam os alunos da área.

“Muito dinheiro pode ser feito...” ressoava em seu ouvido. Ele assina a lista. O único nome nela. O professor, vendo a movimentação da caneta, se aproxima, encosta no ombro de seu aluno de forma enfática:

— Uma excelente escolha, afinal, você deve muito à Carcinogenologia. — Diz enquanto pega a folha da mesa e continua a aula.

Carcinogenologia ou **CG**, é o estudo da geração de células através de um brotamento cancerígeno. Após o [Arrebatamento](#), muitos avanços científicos sagrados foram revelados para a humanidade graças a compaixão dos [Pais Salvadores](#) (PF). Muitas outras áreas de estudo têm a carcinogenologia como sua base. Alguns exemplos: Carcinorreplacação e [Reversão Gamética](#).

CARCINOGENOLOGIA. In: WIKISACRA: a enciclopédia oficial da Nação. Disponível em: ■

Chegando em casa, P ■ coloca a lista de equipamentos necessários para o estágio, entregue pelo professor, no balcão da cozinha, era apenas um jaleco e alguns livros. Os livros ele tinha como encontrar, mas o jaleco precisaria que sua mãe costurasse.

Entra no seu quarto, retira a faixa de compressão (*binder*) que o estava apertando a tarde toda. Será que engordou? Deita-se na cama enquanto ouve uma fraca batida na sua porta, ela logo em seguida abre e mãe Isa fala:

— Você precisa que eu faça um jaleco, é isso? Você já tem um, não tem? — Ela estava com a lista na mão e P apenas acena positivamente enquanto aponta para o enorme buraco em seu jaleco. — Ah... Eu vou ver se consigo costurar um novo, então.

Depois de um breve silêncio ela continua:

— Mãe Beta não vai jantar conosco de novo. Seu Domingo parece que não está bem e ela vai ficar para acompanhá-lo. Ele perdeu a família inteira recentemente por causa do... Bem, você sabe. — As palavras não saem da sua boca. — Enfim, — ela tenta afastar pensamentos ruins, mudando até seu tom — vai

começar um estágio novo, então? Não está um pouco tarde para isso? Logo você se formar. Se bem que você talvez já esteja pensando no que vai se especializar após a formatura, muito inteligente mesmo. Falando nisso, a gente vai ter que pagar algo pela sua formatura?

Ele apenas dá de ombros.

— Sabe, — ela continua, agora com um tom mais sério — a mensalidade do seu curso subiu de novo esse ano, sua mãe e eu estávamos conversando que talvez não vamos conseguir continuar pagando seus hormônios assim, e se tivermos a sua formatura para pagar ainda, não sei como vamos fazer. Você entende, né?

Ele vira o rosto e segura o choro. Ela se aproxima, coloca a mão em seu cabelo e beija sua nuca, levanta-se e sai do quarto.

Ouvindo a porta fechar, P[REDACTED]. começa a chorar. Ele não janta aquela noite.

Um novo procedimento médico chamado **RevG**, diminutivo de Reversão Gamética, acaba de ser anunciado no Congresso Nacional de Carcinogenologia (CNCar). O novo protocolo clínico trata-se da transformação de um gameta de um sexo no gameta do outro sexo ([REDACTED] [REDACTED]) e foi desenvolvido pela primeira vez no Laboratório de Carcinogenologia da [REDACTED], pelo médico pesquisador [REDACTED], através do Programa de Investimento na Pesquisa de Saúde (PIPaS), um comprometimento dos Pais Salvadores com toda a população global.

[...] Apesar da nova descoberta ser considerada milagrosa, uma parte da população critica esse tipo de procedimento citando possíveis problemas de saúde em crianças geridas dessa forma, necessitando de acompanhamento médico integral durante toda a gestação e até os cinco anos de idade; além de considerarem como algo “antinatural”.

Os PF já se pronunciaram sobre as polêmicas envolvendo esse tipo de procedimento e outros:

“Todo e qualquer tipo de avanço tecnológico e medicinal é abraçado e visto como uma dádiva entregue diretamente do berço sagrado dos Gloriosos Pais Fundadores à toda

humanidade. Qualquer um que se opuser a isso será visto como herege e poderá ser julgado e punido pelos Benevolentes Inquisidores.”

██████████ Novo procedimento polêmico é anunciado em Congresso. Gazeta Hierática, ██████████
██████████

Aquele seria o seu primeiro dia no novo estágio, uma semana depois de colocar seu nome na lista. Borboletas lhe acompanharam durante o dia todo, mas não eram aquelas gostosas borboletas que se sente antes de se encontrar com aquela pessoa especial, eram as do tipo que diziam “fuja daqui”, como se algo errado pudesse acontecer a qualquer momento.

P██████████ estava sentado num banco ao lado da porta do laboratório, aguardando ser chamado. No e-mail que recebeu do professor, apenas dizia para ele chegar às 10 horas no laboratório. Ele chegou às 9h30. Já eram 10h15 e nada. Pela sexta vez ele olha o e-mail para conferir se a data e o horário estavam corretos e pela sexta vez, estavam. 10h45 ele pensa que talvez seja a deixa para ir embora e não voltar mais, por que mesmo ele queria fazer estágio aqui entre todos os lugares?

Onze horas e sete minutos ele começa a ouvir o som de passos pelo corredor. Era seu professor que quando o vê diz:

— Ah, era hoje que marcamos para começar? Não me lembrava. Está esperando há muito tempo? — Antes que o estudante pudesse responder, ele continua — Você tem um jaleco? Coloque e entre.

P██████████ veste o jaleco que sua mãe costurou e segue o docente. Sua mãe Isa havia feito um bom trabalho na peça que o vestia perfeitamente ao mesmo tempo que cobria todo o seu corpo e ainda tinha bolsos bem localizados: um no peito esquerdo, e dois nas laterais da cintura. Os bolsos laterais eram grandes e fundos, tinham zíperes protegidos por uma aba feita para escondê-los e prevenir de qualquer acúmulo de sujeira. Era feito de um tecido mais pesado que poderia ser um pouco mais quente, porém era pensado para ser bem opaco, ocultando assim o *binder* que ele sempre usava. No bolso do peito havia um bordado com seu nome.

Sua mãe havia esquecido de o fazer nos dias anteriores e passou a noite toda bordando-o, sabendo que aquele seria o primeiro dia no estágio.

Ele fecha a porta enquanto entra, coloca a mochila num gancho que tinha na parede e segue até a bancada na sua frente. O professor olha para ele e diz:

— Bem, vamos começar, preciso te explicar algumas regras aqui do laboratório. — E começa um grande monólogo explicando cada detalhe do regulamento local.

O laboratório era enorme formado por três salas grandes principais, cada uma com uma bancada que cabiam seis pessoas trabalhando sem atrapalharem uma a outra; duas salas médias em que uma funcionava como o escritório pessoal do diretor, aquele mesmo professor com quem conversava, e a outra era para o estudo dos discentes com uma longa mesa e dez cadeiras confortáveis. Tudo parecia caro: as cadeiras, as mesas e bancadas, os equipamentos eletrônicos, vidrarias, frízers, até as pipetas pareciam caras e novas, como se trocassem com poucos usos. P[REDACTED] se perguntava quanto custaria se quebrasse algo ali, teria que pagar do seu próprio bolso?

Após algumas horas de explicações, entra uma mulher no laboratório que, até então, estava pacato com somente os dois ali dentro.

— Rebeca, olha só, preciso te apresentar nosso novo estagiário, P[REDACTED] — diz o professor — Veja, Rebequinha aqui — ela olha para o homem com desgosto ao ouvir seu nome no diminutivo — está no doutorado, vou colocar você para ajudá-la nos experimentos dela, será bem educativo.

— Prazer. — Ela estende a mão ao novo colega que a retribui.

— Você sabia, Rê, que ele é o resultado de uma RevG? — O aluno se pergunta como ele sabia disso. Talvez estivesse envolvido no procedimento de alguma forma, ainda assim, não seria antiético? — Sabe, depois que meu orientador desenvolveu a técnica, ele foi muito escrutinado pela ralé dessa universidade que ainda se chamam de médicos. E tudo porque foi acusado de fazer experimentos indevidos com humanos. Aqueles dois basicamente imploraram para fazerem parte da pesquisa e sem eles, nunca teríamos descoberto a RevG. Eles são mártires e esse povinho precisa entender que nós não podemos parar os avanços médicos só porque algumas pessoas vão ficar *machucadinhas*. E que a existência de alguém como você aqui é um milagre científico. Enfim... Exaltei-me. Você já tem que ir

certo? Já almoçou? De qualquer forma, seja muito bem-vindo, te espero amanhã, mesmo horário.

P [REDACTED] acenou e se retirou. Ele não gostava de pensar na sua condição médica, como veio para o mundo, só sabia que era algo polêmico e quando as pessoas descobriam, costumavam olhar feio em sua direção. Lembrava da presença dos médicos nos seus primeiros anos de vida, mas passava tanto tempo dormindo naquela época que mal tinha memórias. Correu tanto da sua condição médica, no entanto, de alguma forma se deparava ali, justamente no laboratório em que tudo começou. Talvez fosse a hora de encarar tudo que lhe aconteceu.

Enquanto se arrumava para sair, ouviu um burburinho vindo do outro lado da porta:

— ...mas gente, que jaleco brega! Vou ter que me perguntar onde ele comprou para eu poder evitar o lugar. Aquele bordado com nome escrito é ridículo — o mesmo desdém na voz do professor — e os bolsos... Para que tantos bolsos? Até ele veste bem, conseguiu algo nas medidas certas mesmo, mas o tecido... Vou ter que intensificar o ar-condicionado para o guri não passar mal de tão quente.

Os olhos de P [REDACTED] se enchem, mas ele não se permite chorar e vai embora.

[♪]

[Voz feminina] Seja bem-vindo ao edifício [REDACTED] VII, nomeado em homenagem ao Reverendíssimo [REDACTED]

[REDACTED] Após o Arrebatamento, toda e qualquer propriedade foi automaticamente repassada para um dos Gloriosos Pais Salvadores que, em toda sua compaixão, permitem que todos os cidadãos da Nação possam ter uma moradia digna. Não se esqueça de pagar seu aluguel e as taxas de moradia. E participe sempre do **Grande Bingo** onde o ganhador ou ganhadora poderá ter uma chance de comprar sua casa! Bênçãos aos Pais Fundadores!

[♪]

[REDACTED]

— Boa noite, filho! Como foi seu dia? — Era a outra mãe, dessa vez.

Mãe Beta quase nunca estava em casa. O trabalho demandava muito de seu tempo, por mais que pagasse bem. Ela não era formada em enfermagem, tinha, no máximo, feito alguns cursos de primeiros socorros, porém, aprendeu desde muito cedo que a presença de outro ser humano era muito importante. “A solidão, o abandono, consomem a alma como larvas de moscas comem corpos em putrefação”, o sacerdote do Lar gritava nos seus sermões. Quando criança passava seus dias com as senhoras e senhores que moravam no Lar de Crianças e Idosos, ela, órfã de pais, eles, órfãos de filhos, como costumava ouvir de uma enfermeira do local. Por isso, logo após deixar o Lar, foi atrás do seu primeiro trabalho como cuidadora, profissão essa que havia descoberto em uma reportagem.

Seu atual contratante, seu Domingo, foi professor por muitos anos na universidade em que P ■■■■ estuda e foi por recomendação dele que conseguiu inscrever seu filho lá, talvez por isso ela se dedicasse um pouco mais a esse trabalho.

— A Isa me contou que você está fazendo um estágio agora. Ela não identificou na hora, mas você sabe que esse é o laboratório que foi do seu Domingo, certo? — P ■■■■ acena positivamente. — Sabe?, às vezes eu me pergunto se foi mesmo errado participar do RevG como muitas pessoas disseram quando descobriram sobre você. Mas aí eu olho e vejo o menino brilhante que se tornou, que vai ter uma vida de maior sucesso do que sua mãe e eu jamais sonhamos em ter; e todos os comentários horríveis e noites em claro que passamos vão embora num piscar de olhos.

Os pelos do corpo inteiro do menino que estava em frente à sua mãe se arrepiam. “Ela não sabe que não é verdade, que sou uma farsa e que seu filho brilhante não passa de um *repetente* ridículo. Vai me odiar quando descobrir”.

— Mas me faz um favor? — Mãe Beta continua — toma cuidado, ok? Seu Domingo demonstra ter muito remorso de coisas que aconteceram lá, ele não diz muito, mas vejo em seu olhar que sofre com isso. Se bem que a Igreja diz que: “o conhecimento não é possível sem dor”...

P ■■■■ acena e se encaminha para seu quarto.

Uma nova tendência vem se formando dentre as classes mais ricas da Nação. As chamadas “cuidadoras” estão sendo contratadas para fazer um serviço que, às vezes, os familiares estão cansados de fazer: passar tempo com seus entes queridos mais velhos.

Com toda tecnologia disponível, o cuidado feito por enfermeiras e enfermeiros do passado se tornou desnecessário, substituído por robôs e inteligências artificiais. No entanto a presença humana ainda é requisitada por muitas pessoas que chegavam à velhice, especialmente as que tinham dinheiro, não pela sua capacidade médica, mas pelo abandono.

Os custos com a saúde de uma pessoa aumentam consideravelmente conforme sua idade. É possível viver muito com o acesso à tecnologia, porém as condições ambientais de um mundo pós-Arrebatamento, favorecem o aumento exponencial de doenças como o câncer ao longo da vida e cada tratamento novo é mais caro que o anterior.

Por causa disso, familiares estão desistindo de estar perto de idosos, abrindo mão completamente não apenas do cuidado familiar que eles necessitam, mas também pedindo legalmente a cessão dos direitos hereditários, evitando assim o sofrimento e o aumento das dívidas médicas. É aqui que nasce o que foi chamado de “Cultura do Câncer”.

██████████ Cuidadoras e “Cultura do Câncer”, as novas tendências. **Gazeta Hierática**,
██

Dias, semanas, meses se passaram. O semestre que antes estava em seu começo, agora está encerrando. Cada momento foi diferente, mas cada momento parecia igual.

A rotina inicial era simples: acordar, tomar café-da-manhã, ir para o laboratório, almoçar, ir para a aula, voltar para casa, jantar, dormir. Bastava segui-la e tudo se acertaria. No entanto, outra rotina se formaria.

Tudo começou num dia em que o Professor avisou que o laboratório estaria fechado e que ele não precisava ir. Em um outro, seria feito um experimento e seria arriscado tê-lo lá. Uma dor de cabeça o impede de aparecer e logo uma semana inteira foi perdida por P██████████ ter pegado uma gripe e mesmo depois de melhorar, deixou de ir alguns dias, apenas usando a gripe como desculpa. E assim, através de

encontros e desencontros, em um mês e meio, ele ia uma vez por semana apenas para o laboratório, às vezes nem isso.

Sua alimentação era tão inconstante quanto sua assiduidade. Alguns dias comia apenas uma vez, se perguntando se iria ou não para o estágio e mais tarde se culpando por não ir, outras vezes comia durante o dia inteiro pelos mesmos motivos. Seu sono não era diferente, cinco horas dormindo pareciam demais às vezes, três horas picadas ao longo da noite era seu novo padrão.

Ele jamais negaria o quanto aprendeu no laboratório. Mesmo no pouco tempo que passava lá, aprendeu sobre câncer em geral, seus mecanismos dentro do corpo, como as condições ambientais atuais aumentaram sua ocorrência e como isso foi entendido como uma oportunidade por alguns pesquisadores para os mais diversos tipos de pesquisa. Aprendeu também a relevância daquele espaço em específico e um pouco da sua história, mas percebeu que o Professor escondia algo, havia algum ponto, especialmente quando se aludia ao seu antigo orientador, em que ele não estava disposto a tocar, sempre se desviando ou ignorando perguntas que eram colocadas. A própria doutoranda de quem ele parecia gostar muito, não sabia de nada, ou pelo menos foi o que disse quando questionada.

Quanto às aulas, P [REDACTED] tentava estar presente, mas já havia perdido as esperanças de tirar boas notas. O objetivo era apenas conseguir passar e, naquele semestre pelo menos, foi atingido.

Naquela segunda-feira, na penúltima semana de aula, ele percebe que acordou tarde, pensa em não ir novamente, mas lembra do e-mail que recebeu no dia anterior pedindo para que comparecesse ao estágio. Estava atrasado. Rapidamente se levanta, sem tomar café e esquecendo de fechar a porta do quarto onde deixa seu computador ligado e aberto e corre para ter o que seria sua última conversa com o Professor:

— Ah! Bom dia, não esperava que fosse de fato aparecer hoje, mas que bom, sente-se aí, precisamos conversar. — O docente aponta para a cadeira a sua frente. — O semestre está acabando, P [REDACTED] e o que fez aqui no laboratório? Você não pegou nenhum projeto para si, nem demonstrou interesse nos que propus, não participou dos eventos que eu organizei, não ajudou a Rebeca em nada e quase não vinha. Nem atrás da documentação para o estágio você foi, ou pelo menos eu não me lembro de assinar algo. Eu achei que você tinha um grande potencial aqui

por causa da sua história e já vi o quão inteligente pode ser na minha aula, mas eu me recuso em ficar segurando um peso morto.

O silêncio se instaurou na sala. O barulho do ar-condicionado se tomou conta do lugar, passos tênues pelo corredor, portas sendo batidas ao longe, o mundo lá fora era mais audível que ali dentro, até o momento em que a respiração do Professor começou a ser ouvida. P██████, por outro lado, não respirava.

O estudante não discordava do que ouvia, muito pelo contrário, é quase como se aquelas palavras tivessem sido puxadas à força do fundo da sua própria mente e não das cordas vocais de outra pessoa. “O que você faz aqui [...]?” reverberava em seus ouvidos. Ele não tinha uma resposta, mas ela liberou várias outras. “Por que estou estudando isso? Por que medicina? Eu entrei querendo cuidar das pessoas como eu fui cuidado quando criança e até hoje, mas está ficando cada vez mais claro o quanto existe um foco no dinheiro e status que essa profissão dá. Mas isso é algo ruim? Eu gosto de dinheiro e preciso dele para sobreviver, afinal, não quero ter uma vida igual a das minhas mães. Será que eu gosto mesmo de dinheiro? Do que eu gosto? Tenho como fazer o que gosto ou isso se transformará lentamente em algo que detesto devido às exigências desse mundo? Mas então eu deveria trabalhar com algo que eu não gosto? Eu quero mesmo ter uma vida diferente das minhas mães? Elas parecem bem, às vezes... Elas se amam... Elas me amam...” Seus pensamentos foram interrompidos pela voz de seu Professor que solta um suspiro:

— Tenho que sair agora e Rebeca não virá hoje. Tranque o laboratório quando sair e entregue essas chaves na portaria, por favor. Não precisa voltar aqui mais esse semestre, mas te darei mais uma chance. Se quiser, pode voltar semestre que vem, porém garanta de mudar sua atitude. Até mais.

Muitas dúvidas ainda pairavam sobre sua cabeça, todavia, seu retorno aquele lugar não era uma, ele jamais botaria os pés novamente ali.

Pega a chave que estava a sua frente na bancada alguns minutos depois do Professor sair e ele se recompõe, levanta e se prepara para sair, mas percebe que a sala privativa do docente estava aberta. Anda até lá para fechá-la e vê um computador ligado na área de trabalho. Não pensa duas vezes e se senta na cadeira em frente ao aparelho. Ele não sabe o que procura quando começa a vasculhar os arquivos, mas sente que precisa fazer isso. Examinando o diretório da máquina, esbarra num encadeamento de “Nova Pasta”, clássico de alguém com pouco

conhecimento informático que quer esconder algo. Ele abre cada uma e após dez repetidas, havia uma biblioteca de pastas com termos científicos, alguns que ele reconhecia, outros não, e nomes de pessoas. Um nome chamou sua atenção: Domingo [REDACTED]. Ele abre e encontra diversos documentos e algumas imagens do que imaginou serem de corpos mutilados, massarocas de células cancerígenas em que uma delas parecia um testículo. A foto de dois homens que ele não conhecia abraçados se destacavam no meio das outras.

Do lado de fora o som forte de uma porta sendo batida tira o estudante do foco. É melhor ele não continuar ali por muito tempo. Copia toda a biblioteca de arquivos e envia para o seu próprio e-mail. Não está tão preocupado em ser rastreado e acha que o Professor nem perceberá que algo aconteceu. Fecha as portas e tranca o laboratório.

Decide faltar da aula, afinal, era apenas uma aula de revisão das provas finais do semestre. No caminho de casa uma infinidade de pensamento inunda seu cérebro, chegando a ter até uma dor de cabeça por não conseguir escolher um foco. O fluxo de pensamentos só é interrompido quando vê a porta de seu lar. Nem percebeu o caminho. Corre para seu quarto, mas na cozinha estavam suas duas mães segurando um papel com expressões de tormento.

— O que você está fazendo aqui tão cedo, menino? — Mãe Isa é a primeira a falar.

— Não importa, — intervém mãe Beta — sua irmã imprimiu isso, disse que seu computador estava aberto. — Ela entrega o papel em suas mãos, era seu histórico escolar — Filho... O que são essas notas? Você reprovou muito, é isso? Eu entendi corretamente?

— Filho, — mãe Isa complementa — você vai terminar seu curso esse ano ainda, né?

Seu maior medo se concretizou. P. abre a boca para tentar responder a elas, mas nenhum som sai.

[Voz masculina firme, com leve tremor] “Bom dia, boa tarde ou boa noite a quem conseguir ouvir isso, porém nada de bom sairá dessa mensagem, pois o fim do mundo acabou de começar. Bombas atômicas foram derrubadas em cidades ao redor do mundo

inteiro e mesmo com o esforço da Redoma da Paz em interceptar o maior número de mísseis possíveis, os ataques foram tão extensivos que a Redoma não aguentou e muitos mísseis passaram. Tudo indica que os ataques vieram mesmo do país [REDACTED]. Se você está ouvindo essa transmissão e sua cidade ainda não foi bombardeada, por favor procure ab..."

[♪][Voz robótica feminina] "Interrompemos essa mensagem para compartilhar um aviso dos mais sagrados" [♪]

[Voz masculina imponente] "Sejam todos muito bem-vindos a nova ordem global! Nós, seus bondosos Pais Salvadores estamos aqui para garantir uma tranquila transição para o devastador evento ao qual vocês foram submetidos. Entendam, por mais trágico que seja, o Arrebatamento foi necessário para livrar o planeta de toda a corrupção que se impregnava pelos cantos. Mas não se preocupem, nossas missões humanitárias serão enviadas ao redor do mundo inteiro, se você está ouvindo isso, deve haver uma pertinho de você e o acesso é para todos, com um pequeno custo, é claro: a sua lealdade integral. Venha e faça parte na nossa nova e gigantesca Nação Sacra! Uma lista de endereços das missões será passada após a transmissão." [♪]

[REDACTED] Transcrição da transmissão do Arrebatamento. [REDACTED], Brasília, [REDACTED]
[REDACTED]

4.3 DOCÊNCIA

Apertar o botão [Vincular] e observar uma reação luminosa que forma uma imagem de uma personagem levantando do chão, pegando sua espada e fios de seda girando ao redor dela, faz eu me sentir no controle. Dessa forma, segurando outros botões, eu comando, de um canto a outro da tela da minha televisão, uma aranha com dois chifres, usando um vestido vermelho e uma máscara branca. Seu nome é Vespa. O cenário, todo desenhado a mão pelos desenvolvedores do jogo, é de um belo tom verde vindo do musgo presente em todos os cantos.

Alguns segundos antes, eu assistia um vídeo da Vespa presa numa carroça sendo levada pelos Emissários, pequenos insetos segurando cajados com um sino no topo, a algum lugar que suponho ser Fiarlongo, pois um texto com esse nome aparece logo após a cena.

Eu conheço aquela aranha de vestido vermelho de outros encontros, quando, na época, eu controlava seu irmão sem nome. E naqueles primeiros minutos, calafrios se espalham pelo meu corpo, uma vez que eu sinto estar prestes a presenciar uma obra-prima.

O que fazer quando estamos perdidos? Quando questionamos o que vínhamos fazendo durante anos? Quando o caminho que parecia óbvio teve tantos desvios que não conseguimos mais ver o seu fim? O que eu fiz foi continuar andando aos trancos e barrancos, sem saber o porquê e por onde continuar. E eventualmente eu esbarrei naquilo que achava ser o maior desafio que eu teria: a docência.

Num curso de licenciatura, como o meu é, eventualmente nos deparamos com o famigerado Estágio Supervisionado no qual nós, alunos (professores em formação), teremos que ser professores pela primeira vez de forma institucional (ou não, tive alguns colegas que já tinham experiências de docência anteriores, afinal, percorreram caminhos muito diferentes que o meu, mas para mim foi a primeira vez de fato).

Eu havia estipulado para mim mesmo que eu não faria o estágio durante a pandemia. Conversei com alguns amigos que fizeram durante o isolamento social e não me parecia ideal. Era o necessário devido as circunstâncias excepcionais, mas

eu preferi adiar e, portanto, postergar minha formação, na busca de uma experiência padrão.

Eu ficaria muito surpreso (ou nem tanto também) quando percebesse que, em 2022, quando pego de fato a disciplina de estágio, que as circunstâncias ainda não eram o padrão que eu procurava. A pandemia deixava suas marcas em todos os lados. Duas (ou eram três já?) doses das vacinas estavam disponíveis e precisavam ser tomadas para participar das atividades naquele ano. Máscaras eram usadas em todos os cantos (e talvez ainda precisem ser mesmo agora em 2025, dado que eu fiquei doente duas vezes em um mês). E a precarização da educação no nosso país gerava incertezas se o ano letivo seria de fato cumprido, ou não. Não apenas isso, como parecia ter mais turmas de estágio que a universidade poderia comportar e que a minha turma era uma dessas excedentes.

No começo do ano conheço a professora Vilmarise (devo colocar o nome de vocês mesmo?) que guia toda a turma durante o processo do estágio e nos informa que seria diferente do padrão anterior (mais uma surpresa). Antes eram dois processos diferentes, um semestre era no ensino de ciências no Ensino Fundamental (E.F.) e outro em biologia no Ensino Médio (E.M.). Agora, o ano inteiro seria dedicado a apenas uma turma, o que me pareceu lógico. Por mais que existam nuances entre o E.F. e o E.M., um semestre para cada é pouco tempo para conseguir percebê-las e esse cronograma era muito apertado para poder aproveitar qualquer aprendizado .

O estágio é estruturado em dois momentos. Após a escolha da escola e da turma disponibilizada por cada escola, os alunos, comumente em duplas, começam o processo de observação das aulas ministradas pelo professor supervisor (é esse o termo certo a me referir a eles mesmo?). É nesse momento que eu conheço o prof. Bruno e o que me impressiona logo de cara é que nós temos idades próximas, eu com 25 e ele não mais que 30 (estimativa, afinal não vou sair por aí perguntando a idade das pessoas, um pouco rude isso). Eu não tinha dupla e nas conversas iniciais com o docente, descubro que ele está trabalhando como substituto e tem um mestrado. Imediatamente sou levado a pensar na minha formação e como eu já deveria ter terminado o curso e estar fazendo um mestrado.

Não vou discutir o sexo dos anjos, nem mesmo o que configura um videogame. Por mais que muitos não tenham, é muito comum jogos terem desafios diversos que servem para manter o interesse do jogador, é no balanço entre a frustração de não conseguir passar pelo obstáculo apresentado e na satisfação em superá-lo que os jogadores encontram a vontade de querer mais. Às vezes, o desafio é a única atração sendo oferecida, em outras um vislumbre visual e uma boa história acompanham o pacote (ou são o próprio pacote).

O primeiro impedimento real que a Vespa e eu esbarramos foi a Asa do Pântano, um ácaro-besta alado que encontramos no Pântano Cinzento. Ele não parecia ser muito inteligente, afinal nos atacou para se alimentar, já que seus domadores estavam mortos há algum tempo e não o alimentavam mais. Seus ataques, entretanto, eram letais e nos derrubavam muito facilmente. Passamos horas ali, derrota atrás de derrota considerando se era ali mesmo que deveríamos estar. O mundo era tão grande, tantas coisas a serem feitas, mistérios para desvendar, missões e requerimentos a completar e insetos petulantes a matar, mas era aquele ser que tinha a nossa atenção, precisávamos lidar com aquilo antes de todo o resto, era uma questão de honra.

Com o passar do tempo, meus dedos doíam de tanto apertar os botões, minha mente decorava os movimentos da besta para saber quando usar os golpes ideais que a aranha de vestido vermelho performaria até que finalmente entregamos o último golpe com a Agulha e ouvimos o grunhido final da Asa do Pântano. Naquele momento, personagem e jogador, humano e aranha, Vespa e Mario, nos tornamos um só.

Observar a turma 6B do Colégio Aplicação da UFSC fez eu me sentir de volta à minha escola. Eu estudei a maior parte da minha vida numa pequena escola particular numa cidade com 35 mil habitantes no interior de São Paulo, eu tinha 14 colegas no ano mais lotado na minha sala e ali, no Aplicação, havia em torno de 35 alunos. Eu não me senti intimidado, a turma era calma e amigável, por mais que eu não tenha formado um laço muito forte com eles (é comum que eu seja frio e distante quando deparado com um desafio social deste tamanho).

O prof. Bruno me ajudou a me enturmar e me lembrava o melhor de todos os docentes que já passaram pela minha vida. Às vezes ele era a profa. Márcia com

todo o conhecimento que detinha, outras vezes o prof. Márcio com o quão engraçado podia ser, a profa. Milena por ser muito querido por todo mundo, o prof. Gustavo quando trazia recomendações culturais despojadas. Qual deles eu seria?

O momento de observação ia se encerrando, o relatório no formato de um diário e uma narrativa foi entregue terminando as conversas com a profa. Vilmarise sobre todo o processo e se dava início ao segundo momento do estágio: a docência. Em alguns meses nós teríamos que ministrar aulas e uma avaliação para a turma que acompanhávamos.

O segundo semestre começa com várias mudanças (numa disciplina em que prometeram que seria igual o ano inteiro), a profa. Vilmarise não nos acompanharia mais, pois seu contrato havia encerrado. O prof. Leandro (que mais tarde se tornaria meu orientador) assumiu seu lugar, estourando sua carga horária excepcionalmente para não ficarmos desamparados (o que ele fez questão de nos lembrar incessantemente, risos). A 6B também teve seu docente trocado, situação similar a mencionada anteriormente. Além disso tudo, novos colegas foram admitidos no estágio significando que eu, antes sozinho, agora teria uma dupla, o Lucas.

Toda essa situação me deixou apreensivo, mas, pelo menos, eu já conhecia o prof. Leandro e ele, a seu modo, conseguiu amenizar toda a nova conjuntura, fazendo a ponte entre meus novos colegas e eu.

Minha dupla tinha experiência com público, pois já havia trabalhado em vários projetos de extensão educacionais, o que me acalmou. No entanto, o novo professor da 6B não tinha muita experiência com a docência e estava mais assustado com toda a situação do que nós dois.

Fomos mais algumas vezes acompanhar as aulas da turma, tanto para apresentar o Lucas, quanto para conhecermos o novo docente. Após alguns encontros firmamos o plano de aula: daríamos dez aulas e uma prova, entre os dias 13 de outubro e 11 de novembro com os temas células, níveis de organização biológica e sistema nervoso.

Os temas eu sentia que dominava (estava com muito receio de ter que dar aulas de física, que eu não domino), já estava familiarizado com a turma, o Lucas e eu apresentamos uma boa sinergia com um apoiando a ideia do outro e o novo professor parecia estar muito animado em ter outras pessoas dando aula em seu lugar. A minha confiança foi crescendo.

O primeiro dia da nossa aula chegou e, num piscar de olhos, a prova final estava sendo aplicada. Não narro dessa forma para dizer que tudo aconteceu no automático, de forma alguma. Cada momento e cada detalhe do mês que se passou foi muito bem pensado e realizado com uma atenção quase que intermitente. Narro dessa forma para expressar o quão fácil e intuitivo todo o processo foi. O plano foi tão bem-organizado por nós e com o apoio de tantas pessoas ao longo do ano que tudo fluiu quase como se eu não tivesse que fazer esforço.

Conseguimos manter os alunos engajados nas aulas com as diversas atividades, práticas, vídeos, aproximamos seus conhecimentos prévios e interesses do conteúdo, demonstramos companheirismo ajudando um ao outro quando precisamos, as várias formas avaliativas que colocamos (a prova não era a única e se não fosse a pedido do professor nós nem teríamos feito) ajudaram os alunos a manter boas notas.

Eu me senti, pela primeira vez em anos, satisfeito com o trabalho que desempenhava como se aquilo fosse o que eu deveria estar fazendo esse tempo todo. Logo na primeira aula todos os meus receios se foram e ao longo do mês fui percebendo o quão bom eu era naquilo (zero modéstia). Agora eu tinha um motivo para terminar e o caminho nunca esteve mais visível. Eu sabia que ainda teriam alguns desafios, mas pelo menos eu conseguia ver o fim.

Muitos jogos não têm fim. Outros precisam ser *rejogados* para que possamos acompanhar todo o seu potencial. Alguns são tão densos que a maioria dos jogadores nunca verá o seu desafio final

É na beira do Abismo que eu me encontro, agora me chamando Vespa, com meu vestido vermelho, empunhando a Agulha, mais afiada do que nunca, com todos os meus novos poderes e equipamentos desbloqueados, depois de desbravar todo o reino de Fiarlongo, desvendando os seus segredos e derrotando todos os seus líderes débeis.

Um último desafio me espera para dar fim a essa jornada. Preciso enfrentar a Tecelã Perdida, acompanhada da Grande Mãe Seda, a monarca desse reino que fornece novos poderes à sua filha. Eu já enfrentei as duas antes, então penso que consigo derrotá-las uma última vez. Porém, após diversas tentativas vou deixando esse confronto de lado, não porque eu achei que não consigo superá-lo, mas porque

não quero que acabe. Assim como um leitor que se recusa a ler as últimas páginas de seu livro favorito, eu me recuso a terminar esse confronto. Talvez eu consiga estender essa jornada um pouco mais.

Faz dois meses desde a primeira vez que me encontrei com a Tecelã Perdida. Agora é a hora de colocar um fim na nossa história.

5. ÚLTIMAS PALAVRAS

As três narrativas ficcionais compostas me ajudaram a entender meu processo formativo e a finalmente dar um ponto final nele. A escrita, por mais difícil que seja, se torna um processo catártico para mim, permitindo que eu possa expressar sentimentos que foram guardados e não compreendidos por muito tempo.

Conhecer a si próprio tem o poder de transformar, ressignificar momentos dolorosos que não podem ser esquecidos e impulsionar o contínuo da vida, dos estudos, da pesquisa. As narrativas dão conta desse processo de autoconhecimento e aproximam minha vivência à outras pessoas que possam estar passando por situações similares.

Aos trancos e barrancos finalizo esse trabalho que representa os momentos que me senti perdido, marcando o meu encontro com a docência como o caminho a percorrer para o futuro. É difícil, porém possível, conciliar a vida pessoal e acadêmica, entendo agora que elas precisam andar juntas e não separadas como por muito tempo me forcei a fazer.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **História da Educação**, v. 7, n. 14, p. 79-95, 2003.

BENNERT, Débora Brand Fortkamp. **Narrativas ficcionais em uma experiência de ensino**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

FIUZA, Ana Cristina Borges et al. A narrativa (auto) biográfica e ficcional como modos outros de habitar a pesquisa em educação. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 15, n. 5, p. 4418-4436, 2023.

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

LISTA DE OBRAS INSPIRADORAS

BLADE RUNNER. Direção: Ridley Scott. Produção: Michael Deeley. Burbank: Warner Bros. Entertainment, 1982.

CYBERPUNK 2077. Versão 2.1. Varsóvia: CD Projekt Red, 2020. 1 jogo eletrônico.

DARK SOULS. Tóquio: FromSoftware, 2011. 1 jogo eletrônico.

DISTRITO 9. Direção: Neill Blomkamp. Produção: Peter Jackson e Neill Blomkamp. [S.I.]: Sony Pictures, 2009.

ELDEN RING. [S.I.]: From Software, 2022.

FALLOUT 4. Rockville: Bethesda Softworks, 2015. 1 jogo eletrônico.

HERBERT, Frank. **Dune**. Nova Iorque: Ace Books, 1990.

HOLLOW KNIGHT: Silksong. [S.I.]: Team Cherry, 2025.

LIES OF P. [S.I.]: Neowiz, 2023.

LISBOA, Adriana. **Todo o tempo que existe**. Belo Horizonte: Relicário, 2022.

METAPHOR: ReFantazio. [S.I.]: Atlus, 2024.

MIÉVILLE, China. **Perdido Street Station**. Londres: Macmillan, 2000.

SEKIRO: Shadows Die Twice. [S.I.]: From Software, 2019.

THE TALOS PRINCIPLE. [S.I.]: Croteam, 2014.